



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física – FEF
Licenciatura em Educação Física

Registros, histórias e autobiografia de uma mulher Kariri-Xocó

Jaíne Suira Geri

Brasília, DF
2025

Professora Doutora Rozana Reigota Naves
Reitora da Universidade de Brasília

Professor Doutor Márcio Muniz
Vice-Reitor da Universidade de Brasília

Professor Doutor Tiago Araújo Coelho de Souza
Decano de Ensino de Graduação

Professor Doutor Martim Francisco Bottaro Marques
Diretor da Faculdade de Educação Física

Professor Doutor Leonardo Lamas Leandro Ribeiro
Coordenador de Graduação – Licenciatura

Professor Doutor Américo Pierangeli Costa
Coordenador de Graduação a Distância – Licenciatura

Professor Doutor Jonatas Maia da Costa
Coordenador de Estágio – Licenciatura

JAÍNE SUIRA GERI

Registros, histórias e autobiografia de uma mulher Kariri-Xocó

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Educação Física pela Faculdade
de Educação Física da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Alice Maria Corrêa Medina.

Brasília, DF

2025

Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação Física – FEF
Licenciatura em Educação Física

JAÍNE SUIRA GERI

Registros, histórias e autobiografia de uma mulher Kariri-Xocó

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Educação Física pela Faculdade
de Educação Física da Universidade de Brasília.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Alice Maria Corrêa Medina – Orientadora
FEF/UnB

Profa. Dra. Jessica Serafim Frasson – Membro Interno
FEF/UnB

Profa. Dra. Claudia Regina Nunes dos Santos – Membro Externo

Prof. Dr. _____ – Membro Suplente
FEF/UnB

Brasília, DF, _____ de _____ de 2025.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi um percurso repleto de desafios, aprendizados e crescimento. A realização das linhas que se seguem simboliza não apenas o fim de uma etapa acadêmica, mas também o início de um novo ciclo em minha vida.

Primeiramente, agradeço a Deus e meu sagrado Ouricuri, por me sustentar nos momentos de incerteza e me ofertar forças para seguir, mesmo quando tudo parecia difícil.

Aos meus filhos, Alana Rita e Iveson Vinícios, minha maior inspiração, pois cada esforço teve vocês como motivação. Obrigada por entenderem minha ausência em alguns momentos.

Ao meu esposo, Alan Deivid, por acreditar em mim, mesmo nos momentos em que eu mesma duvidei.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, pelo apoio constante e pelos valores que me transmitiram.

Aos meus amigos, Dine Layne, Lilian Pechar, Camila Rosal, Ana Angélica Lopes e Marquinho Truka. Obrigado pela escuta, pelo apoio e pelo incentivo, quando o cansaço parecia maior que a vontade de continuar. Minha eterna gratidão.

Também quero deixar meu profundo agradecimento à coordenação indígena (coquei), especialmente para a melhor assistente social do mundo, Jessica Gillian de Almeida.

À minha professora orientadora, Dra. Alice Maria Corrêa Medina, pela sua paciência e pelo conhecimento compartilhado, pela orientação atenta e por me ajudar a transformar ideias em realização, também quero agradecer a banca Dra. Jessica Serafim Frasson e Dra. Claudia Regina Nunes dos Santos pela leitura atentar a esse trabalho.

A todos os professores, colegas e amigos que, direta ou indiretamente, fizeram parte dessa trajetória, meu muito obrigada.

Tem-se aqui o resultado de muitos sacrifícios, mas também de muito amor. A cada um de vocês, meu eterno carinho e gratidão.

“A força que o indígena tem é porque ele é a semente da própria terra”.

Pajé Francisco Queiroz Suira

RESUMO

O presente estudo abordou a rica história e a resistência cultural dos povos indígenas, com foco na etnia Kariri-Xocó e sua luta pela defesa de seus territórios sagrados. O objetivo do trabalho foi realizar uma breve apresentação das histórias dos povos indígenas do Brasil e investigar, de maneira mais específica, a comunidade Kariri-Xocó relacionada aos saberes, aos costumes, memórias e culturas transmitidas oralmente, incluso as experiências pessoais como uma mulher Kariri-Xocó. Fazendo uso de metodologia de revisão bibliográfica, destacou-se a importância dos saberes tradicionais e como as tradições dessa etnia são mantidas vivas, apesar dos desafios contemporâneos. Foram analisados elementos centrais da cultura Kariri-Xocó, tais como: ritual sagrado do Ouricuri; pintura corporal; canto; dança; conhecimento medicinal; e, retomada da língua ancestral Dzubukuá. A empreitada também incluiu o relato pessoal da autora, mulher Kariri-Xocó, que compartilhou sua trajetória de vida, sua relação com o território, com a cultura e os enfrentamentos identitários vividos dentro e fora da aldeia. Concluiu-se enfatizando a necessidade de reconhecimento e valorização dos saberes tradicionais transmitidos de geração em geração pelos povos indígenas.

Palavras-chave: Povos indígenas. Kariri-Xocó. Saberes tradicionais. Resistência cultural. Território sagrado.

ABSTRACT

The present study addressed the rich history and cultural resistance of Indigenous peoples, focusing on the Kariri-Xocó ethnicity and their struggle to defend their sacred territories. The aim of the work was to provide a brief presentation of the histories of the Indigenous peoples of Brazil and to investigate, more specifically, the Kariri-Xocó community in relation to the knowledge, customs, memories, and orally transmitted cultures, including personal experiences as a Kariri-Xocó woman. Using a bibliographic review methodology, the study highlighted the importance of traditional knowledge and how the traditions of this ethnic group are kept alive despite contemporary challenges. Central elements of Kariri-Xocó culture were analyzed, such as the sacred Ouricuri ritual; body painting; chanting; dancing; medicinal knowledge; and the revitalization of the ancestral Dzubukuá language. The endeavor also included the author's personal account, a Kariri-Xocó woman who shared her life journey, her relationship with the territory and the culture, and the identity struggles experienced both inside and outside the village. The study concluded by emphasizing the need for recognition and appreciation of the traditional knowledge passed down through generations by Indigenous peoples.

Keywords: Indigenous peoples. Kariri-Xocó. Traditional knowledge. Cultural resistance. Sacred territory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Tinta de jenipapo em preparo.....	25
Figura 2 –	Toar.....	25
Figura 3 –	Pintura masculina Kariri-Xocó.....	26
Figura 4 –	Pintura feminina Kariri-Xocó.....	26
Figura 5 –	Ouricuri sagrado do Povo Kariri-Xocó.....	28
Figura 6 –	Portal do ritual sagrado	28
Figura 7 –	toré kariri-xocó,	31
Figura 8 –	Rojão kariri-xocó,	32
Figura 9 –	Louças em processo de preparação.....	33
Figura 10 –	Louças em processo de secagem.....	34
Figura 11 –	Forno.....	35
Figura 12 –	Processo de retirada do forno.....	35
Figura 13 –	Louças finalizadas.....	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APIB	- Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
APOINME	- Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo
ARPINSUL	- Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul
art.	- artigo
ATL	- Acampamento Terra Livre
CAPES	- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CD	- Câmara dos Deputados
CF	- Constituição Federal
CGY	- Comissão Guarani Yvyrupa
COIAB	- Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira
Dr.	- Doutor
Dra.	- Doutora
FEF	- Faculdade de Educação Física
FUNAI	- Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ISA	- Instituto Socioambiental
MUPOIBA	- Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia
nº	- número
OIP	- Organização Indígena Potiguara
PL	- Projeto de Lei
Prof.	- Professor
Profa.	- Professora
SF	- Senado Federal
STF	- Supremo Tribunal Federal
TCC	- Trabalho de Conclusão de Curso
UF	- Unidade da Federação
UnB	- Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 PROBLEMAS DE PESQUISA	12
1.2 OBJETIVOS	12
1.2.1 Objetivo geral	12
1.2.2 Objetivos específicos	13
1.3 JUSTIFICATIVA	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 BREVES RELATOS: A HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL.....	15
2.2 SABERES CULTURAIS INDÍGENAS	17
2.3 ALGUMAS ETNIAS: SABERES CULTURAIS E PRÁTICAS.....	18
2.3.1 Povo Tucano.....	18
2.3.1.1 Saberes medicinais	18
2.3.1.2 Pintura corporal	18
2.3.1.3 Ritual	19
2.3.2 Povo Xikrin (Kayapó)	19
2.3.2.1 Saberes medicinais	19
2.3.2.2 Pintura corporal	20
2.3.2.3 Ritual	20
2.3.3 Povo Pankararu.....	21
2.3.3.1 Saberes medicinais	21
2.3.3.2 Pintura corporal	21
2.3.3.3 Ritual	22
2.4 REGISTROS E DOCUMENTOS REFERENTES À ETNIA KARIRI XOCÓ	22
2.4.1 Saberes medicinais.....	24
2.4.2 Pintura corporal.....	24
2.4.3 Ritual	27
2.4.4 Resgate da língua.....	29
2.4.5 Canto e dança.....	30
2.4.5 Louceira	32
2.5 AUTOBIOGRAFIA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA MULHER KARIRI-XOCÓ	36
3 METODOLOGIA	39

4 DISCUSSÃO	40
5 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) teve por base uma pesquisa bibliográfica e em documentos relacionados às histórias, aos contos e às narrativas da etnia indígena Kariri-Xocó. Conhecer tais histórias dos povos originários é imprescindível para a formação e o autoconhecimento da identidade do povo brasileiro, bem como para o conhecimento relativo às lutas que enfrentaram e ainda enfrentam no interior de seus territórios. Os povos indígenas são os verdadeiros protagonistas da história do Brasil, sendo originários e continuando a lutar pelo devido espaço e pela devida preservação de suas culturas e tradições até os dias atuais.

Desde 1500, conforme observado por Ribeiro (1995), os povos indígenas enfrentam um contínuo confronto com a sociedade nacional brasileira. Tal resistência persiste até os dias atuais, com os indígenas lutando bravamente pela defesa de territórios, costumes, línguas e tradições próprias.

Assim, o presente estudo empreendeu uma pesquisa sobre os saberes culturais indígenas, transmitidos de geração em geração pelos anciãos de cada comunidade. Tais conhecimentos são guardados com zelo e respeito, envolvendo, muitas vezes, rituais mantidos em segredo. Dessa feita, mostra-se fundamental que a sociedade brasileira reconheça e valorize a riqueza desses saberes, sendo parte integral da história pátria multicultural e diversa.

No âmbito da empreitada foram pesquisados registros e documentos específicos do povo indígena Kariri-Xocó – do qual faço parte. Embora os estudos sobre o referido povo ainda sejam limitados, é inegável a riqueza cultural e a sabedoria ancestral que os povos originários preservam há séculos.

Em relação aos rituais dos Kariri-Xocó, estes se dão em um local sagrado conhecido como Ouricuri, preservado na mata fechada, onde ocorrem regularmente a cada 15 dias, com períodos estendidos durante o mês de janeiro, marcado por uma grande festa.

Segundo Mata (1989), o Ouricuri dos Kariri-Xocó desempenha um papel central na organização grupal e na transmissão dos conhecimentos sagrados, representando um espaço de profundo significado espiritual que não foi apropriado pela sociedade nacional.

Na parte final das linhas que se seguem, compartilho, de modo breve, um pouco de minha história como mulher indígena Kariri-Xocó, fundamentada nos saberes tradicionais e culturais de minha comunidade. Tais histórias não apenas refletem minhas vivências pessoais, mas também destacam a relevância desses conhecimentos para a identidade cultural e a preservação da história do povo Kariri-Xocó.

Ante o exposto, tem-se aqui o viés de contribuir para o fortalecimento e reconhecimento das culturas indígenas, destacando a grande importância de preservar e valorizar os conhecimentos transmitidos ao longo dos séculos pelos povos originários do Brasil, com foco na etnia Kariri-Xocó, baseado no meu senso de pertencimento e identidade como mulher indígena.

1.1 PROBLEMAS DE PESQUISA

Por que as etnias indígenas brasileiras necessitam de uma autoafirmação frente às entidades políticas e sociais relativas à cultura, à identidade e aos saberes próprios?

Quais são as histórias contadas e quais aquelas que são nascidas, efetivamente, da etnia Kariri-Xocó?

Quais as histórias e experiências incorporadas, por mim, como uma mulher Kariri-Xocó?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 **Objetivo geral**

Investigar sobre as histórias dos povos indígenas do Brasil, com foco na comunidade Kariri-Xocó, relativas aos saberes, aos costumes, às culturas tradicionais e às memórias transmitidas oralmente, bem como às narrativas pessoais e histórias orais, incluso, as experiências pessoais como uma mulher Kariri-Xocó.

1.2.2 Objetivos específicos

- Pesquisar sobre a visão de mundo e a cosmovisão da etnia Kariri-Xocó e sobre a preservação das suas tradições ao longo do tempo;
- Investigar sobre relatos históricos de algumas etnias indígenas brasileiras;
- Analisar o valor das histórias e tradições dos povos originários do Brasil;
- Pesquisar e difundir a cultura e os saberes específicos da etnia Kariri-Xocó; e
- Apresentar uma narrativa autobiográfica que reflita a experiência de vida de uma mulher Kariri-Xocó.

1.3 JUSTIFICATIVA

Em resposta às frequentes indagações sobre minha identidade indígena e à persistente dúvida quanto à existência de povos indígenas no Nordeste, é imperativo esclarecer que, de fato, as comunidades indígenas dessa região não apenas subsistem, mas também carregam uma riqueza cultural profunda que transcende os estereótipos impostos pela sociedade. Assim, o presente estudo teve por norte destacar a notável herança cultural do povo Kariri-Xocó. Dessa feita: “Os indígenas são frequentemente reduzidos a um estereótipo que remonta a uma imagem do passado, ignorando as complexas realidades sociais e políticas contemporâneas das comunidades indígenas” (Dantas, 2001, p. 45).

Por conseguinte, demonstro como nossas tradições são mantidas vivas ao longo do tempo, apesar das adversidades e contestações sobre nossa existência. Assim, minha biografia servirá como um relato pessoal e autêntico dessa contínua resistência, ofertando uma perspectiva íntima sobre a identidade e preservação cultural dos Kariri-Xocó.

De fato, segundo Ribeiro (1995, p. 134): “A cultura indígena é uma parte essencial do mosaico cultural brasileiro e estudar suas tradições e modos de vida é fundamental para compreender a verdadeira complexidade e riqueza do país”. Desse modo, a importância do presente estudo se justifica pela escassez de pesquisas sobre a temática, em especial, aquelas realizadas por indígenas. Ao trazer uma perspectiva de uma pesquisadora indígena para o espaço de estudo, busca-se preencher lacunas significativas na literatura existente e proporcionar uma visão autêntica e rica sobre o assunto. Tal abordagem não somente amplia a compreensão do tema, mas também

valoriza o conhecimento tradicional indígena. Além disso, as linhas que se seguem contribuirão significativamente para preservação do meu povo e de demais povos indígenas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 BREVES RELATOS: A HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

Os povos indígenas no Brasil possuem uma história milenar marcada por uma notável força e resistência. Os primeiros europeus depararam-se com uma diversidade impressionante de povos nativos, cada um com sua própria singularidade cultural. Dessa feita, os povos originários continuam a resistir e lutar por seus espaços até os dias atuais, buscando preservar e manter seus costumes e culturas desde a invasão dos europeus no Brasil. Segundo Ribeiro (1995), o processo de resistência desses povos não se iniciou em 1500, como registrado pelas crônicas coloniais.

Copiosamente, essa guerra sem quartel de europeus armados de canhões e arcabuzes contra indígenas que contavam unicamente com tacapes, zarabatanas, arcos e flechas, foi algo marcante na história do Brasil (Ribeiro, 1995).

Os povos indígenas em comento enfrentaram tentativas persistentes de extinção ao longo de sua história. Conforme Ribeiro (1995), jesuítas e colonos se esforçaram para suprimir a cultura indígena: os jesuítas buscavam apagar a história dos povos para convertê-los, enquanto os colonos viam os indígenas como selvagens e gado, desrespeitando seu direito à liberdade cultural.

De fato, a história dos povos indígenas é extensa em diversas variedades culturais, onde cada povo detém culturas específicas, que já existiam muito antes da chegada dos colonizadores europeus. Antes da vinda dos europeus, os povos indígenas já ocupavam as Américas há milhares de anos, vivendo com seus idiomas e modos de vida próprios. Como aponta Galeano (2010), os povos indígenas foram os primeiros a encontrar a América e os últimos a serem encontrados pelos europeus, e são os últimos a ter suas histórias ouvidas.

De acordo com Zinn (1980), o contato com os europeus em 1492, trouxe uma mudança drástica para os povos indígenas. Tal encontro resultou na introdução de doenças (sarampo, varíola etc.) que mataram muitos povos indígenas; e ainda, a colonização promoveu violências e exploração. Com isso, os povos indígenas cravaram uma luta constante, acarretando força e resistência, para manter e preservar sua cultura até os dias atuais.

No Brasil, no decorrer de tantas lutas e resistências, somente em 1988, a Constituição Federal (CF) (Brasil, 1988) reconheceu os direitos dos povos indígenas.

A Constituição Federal de 1988 representou um avanço significativo para os povos indígenas no Brasil, garantindo não apenas o reconhecimento de seus direitos, mas também a demarcação das terras indígenas como um direito fundamental (Silva, 2011, p. 97).

Assim, apesar dos séculos de lutas e sofrimentos, os povos indígenas persistiram, ao passo que, atualmente, o Brasil reconhece 391 povos indígenas, embora poucos tenham territórios demarcados, em inobservância ao art. 231 da CF de 1988 (Brasil, 1988), que garante aos indígenas o direito sobre suas terras tradicionais. Segundo o autor Ailton Krenak em uns dos seus discursos na Assembleia Constituinte de 1987:

Assegurar para as populações indígenas o reconhecimento aos seus direitos originários às terras que habitam — e atentem bem para o que digo: não estamos reivindicando nem reclamando qualquer parte de nada que não nos cabe legitimamente. (Krenak ,1987).

O autor Ailton Krenak aponta a importância da demarcação das terras dos povos originários, reforçando os direitos garantidos na constituição sobre a demarcação, necessitando a defesa jurídica e política diante da invasão e das pressões econômicas.

Cada grupo indígena tem sua própria história e experiências únicas, sendo fundamental ouvir e aprender suas vozes. A sociedade deve, nesse viés, proteger e respeitar o meio ambiente, reconhecendo os povos indígenas como protagonistas na preservação das florestas e no combate à crise climática. Logo, a demarcação de territórios indígenas é crucial não apenas para seu bem-estar, mas também para o futuro coletivo da sociedade.

Atualmente, os povos indígenas habitam os mesmos territórios de seus antepassados em todo o Brasil, ocupando 13,9% do território nacional, conforme o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022 (IBGE, 2023), sendo a população indígena estimada em 1.694.836 indivíduos, distribuídos em 761 terras indígenas, em diferentes estágios de demarcação.

É preocupante que ainda são poucas as terras indígenas demarcadas – o que resulta em muitos povos enfrentando dificuldades e resistências para manter suas culturas e seus costumes vivos.

Hoje em dia, os povos indígenas contam com uma das maiores articulações do Brasil: a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), criada em 2005, junto ao evento anual Acampamento Terra Livre (ATL), realizado na capital federal. Este

evento reúne representantes de todo o país para debater questões importantes para os povos originários.

Segundo a APIB (2024), tal articulação é fundamentada no apoio de associações e organizações em todas as Unidades da Federação (UFs). Assim, na Região Nordeste, no Espírito Santo e em Minas Gerais, tem-se a Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME), fundada em 1990; na Bahia, tem-se a Movimento Unido dos Povos e Organizações Indígenas da Bahia (MUPOIBA); e, na Paraíba, a Organização Indígena Potiguara (OIP). Na Amazônia, destaca-se a Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), estabelecida em 1989, com representação nas seguintes UFs: Acre; Amapá; Maranhão; Mato Grosso; Pará; Rondônia; Roraima; e, Tocantins. Nas Regiões Sul e Sudeste, tem-se a Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), formada em 2007. Em Mato Grosso, tem-se o Conselho Terena, criado em 2012. Por fim, vale destacar a Articulação dos Povos Indígenas da Região Sul (ARPINSUL).

As delegações, em suma, trabalham colaborativamente para defender e reivindicar os direitos dos povos indígenas, fazendo uso de debates e manifestações durante o ATL como vias de atuação conjunta e resistência.

2.2 SABERES CULTURAIS INDÍGENAS

Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2022 (IBGE, 2023), atualmente, existem mais de 391 povos indígenas no Brasil, extremamente ricos em cultura e saberes (medicinas tradicionais, línguas, pinturas, artesanatos, saberes culinários, rituais, subsistências, danças e cantos).

Conforme o Instituto Socioambiental (ISA), há mais de 160 línguas faladas pelos indígenas, abrangendo mais de 25.000 pessoas falantes, distribuídas em dois grandes troncos linguísticos: 1) Tupi; e, 2) Macro Jê. O tronco linguístico diferencia-se das línguas individuais, sendo um conjunto de línguas mais antigas com a mesma origem, enquanto as línguas constituem esses troncos linguísticos (Línguas, [s. d.]). Aquele Instituto também destaca 19 famílias linguísticas que não apresentam semelhanças significativas para serem agrupadas em troncos, além de famílias que possuem línguas singulares, conhecidas como “línguas isoladas”, por não se assemelharem a nenhuma outra língua conhecida (Línguas, [s. d.]).

De fato, os povos originários possuem um conhecimento profundo sobre plantas medicinais, amplamente integradas ao cotidiano, utilizadas para chás, banhos, rituais, tratamento de enfermidades e proteção espiritual. Foram selecionados três povos, com quais tive contato na universidade.

2.3 ALGUMAS ETNIAS: SABERES CULTURAIS E PRÁTICAS

2.3.1 Povo Tucano

2.3.1.1 Saberes medicinais

O Povo Tukano, autodenominado Ye'pá Mahsã, está localizado no noroeste do Estado do Amazonas. Segundo Reichel-Dolmatoff (1978), uma das plantas medicinais utilizadas por esse povo é o caapi – extraído de um cipó encontrado na região, com propriedades alucinógenas.

Na comunidade Tukano, apenas os homens têm permissão para preparar essa substância, feita com água fria e deixada de molho para consumo durante rituais. Ao ingerirem o caapi durante esses rituais, os homens experimentam visões alucinatórias, através das quais seus antepassados supostamente transmitem conhecimentos sobre remédios e cura de doenças.

2.3.1.2 Pintura corporal

Os povos indígenas possuem uma riqueza cultural expressa em diversas formas de pintura corporal, cada uma carregando seus próprios significados. No caso dos Tukano, conforme o ISA, a pintura corporal é feita a partir de um cipó chamado carajuru, encontrado na região (Tukano, [s. d.] – cipó que fornece folhas que são transformadas em pó vermelho, utilizado tanto para a pintura corporal quanto para a decoração de artesanatos e do banco Tukano, usado em rituais.

2.3.1.3 Ritual

De acordo com Azevedo (2022), há uma prática ancestral entre os Tukano que envolve o uso do Pátu – uma substância derivada do processamento das folhas de coca. Segundo aquele autor, o processo inclui o tostamento das folhas no forno, a maceração com pilão, a mistura com cinzas das folhas de embaúba e a pulverização em um tubo de madeira longo.

Ao consumir o Pátu, são ativados conhecimentos tradicionais presentes nas narrativas míticas e nos conjuntos de agenciamentos, cantos e danças transmitidos pelos especialistas Tukano, conhecidos como *ye'pamahsʉ*. Azevedo (2022) afirma que aqueles que consomem o Pátu experimentam um fortalecimento físico, mental e espiritual.

Tal substância é considerada o fundamento central dos rituais de grandes festas, sendo também valorizada na vida cotidiana como um alimento que enriquece não apenas a dimensão física, mas também as dimensões social e espiritual dos especialistas Tukano (Azevedo, 2022).

2.3.2 Povo Xikrin (Kayapó)

2.3.2.1 Saberes medicinais

O povo Xikrin (Kayapó) está localizado no estado do Pará e possui um vasto conhecimento em plantas medicinais, semelhante a outras comunidades indígenas. Segundo Coelho-Ferreira e López-Garcés (2020), os principais curandeiros da comunidade são o pajé e o benzedeiro ou raizeiro. Para os benzedeiros, o aprendizado dos conhecimentos medicinais começa na infância, transmitido pelos mais velhos, havendo raizeiros especializados para diferentes enfermidades (picadas de cobra etc.).

Além disso, o pajé e os raizeiros trabalham em colaboração, ou seja, os pajés atuam como médicos, enquanto os raizeiros desempenham o papel de farmacêuticos, trabalhando juntos para curar os males da comunidade. Foram identificadas 120 plantas medicinais, cujos nomes são restritos à comunidade, mas sabe-se que são

derivadas de raízes, cipós, cascas, resinas, galhos e folhas (Coelho-Ferreira; López-Garcés, 2020),

2.3.2.2 Pintura corporal

Segundo Rotermund (2016), a pintura corporal do povo Kayapó é caracterizada por uma variedade de traços retos. Para eles, a pintura é essencial como uma forma de vestimenta, sendo que apenas através dela podem ser considerados "seres humanos". Tal prática é exclusiva das mulheres Kayapó, que têm como responsabilidade diária pintar todos os membros da comunidade. Durante o processo, as mulheres utilizam a mão direita ou pincéis feitos de lasca de palmeira para aplicar tinta de jenipapo. Os desenhos representam uma linguagem visual, variando conforme a idade, o gênero e a ocasião.

Além do jenipapo, o povo Kayapó também faz uso de tinta de urucum, principalmente em rituais ou em períodos de enfermidade, resguardo ou luto. Os homens usam uma pintura de carvão e resina antes das caçadas e guerras. Em rituais importantes, como, por exemplo, a nomeação de recém-nascidos, iniciações, casamentos e funerais, são utilizadas máscaras feitas com pó de casca de ovo de azulão.

2.3.2.3 Ritual

De acordo com Giannini (1988), um dos rituais praticados pelos Xikrin é o ritual do Sete de Setembro, que ocorre a cada três anos, com preparativos realizados no intervalo entre eles. Este tem início ao amanhecer, quando todos são convocados a se dirigir ao centro da aldeia, onde são estendidas duas esteiras contendo as bandeiras do Brasil e da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). Os rapazes mais jovens são organizados em fileiras e entoam o Hino Nacional, após, o qual, o líder espiritual recita uma passagem bíblica traduzida para a língua Kayapó. No decorrer do ritual, os homens são divididos em categorias de idade: os Mebegnêt (homens maduros ou velhos) e os Mekramt (homens com mais de quatro filhos) supervisionam, enquanto os Menoronu (jovens iniciados que dormem na casa dos homens) são instruídos a formar duas fileiras paralelas. Esses jovens representam dois grupos distintos usando uniformes de times de futebol das aldeias Djude-Kô e

Putkarot. Em seguida, os dois grupos dançam em direção à Casa dos Homens, onde enfrentam diversos desafios para serem reconhecidos como homens adultos. Estes desafios incluem: escarificações nas coxas com dentes de aruanã, realizadas pelos mais velhos para aumentar a força; enfrentar um ninho de marimbondos, simbolizando uma aldeia inimiga; corridas e escarificações nas pernas, para aumentar a agilidade; duelos com espadas pesadas etc.

Tal processo funciona como um ritual de passagem para os rapazes se tornarem homens adultos. Ao final, as famílias oferecem comidas típicas à comunidade em celebração ao término do ritual.

2.3.3 Povo Pankararu

2.3.3.1 Saberes medicinais

Os Pankararu estão localizados entre os municípios de Petrolândia, Itaparica e Tacaratu, no sertão do Estado de Pernambuco, ocupando uma terra de aproximadamente 14.294 hectares, abundantemente frutífera, com destaque para o umbu – uma das principais fontes de subsistência através da agricultura. Segundo o ISA, tal etnia possui um vasto conhecimento em plantas medicinais, com um total de 67 espécies utilizadas para tratar diversas doenças, extraídas da mata (Pankararu, [s. d.]).

Conforme Dario (2018), os Pankararu priorizam o uso de ervas medicinais antes de recorrer às farmácias, sendo o alecrim-de-caboclo, utilizado em defumações e banhos rituais, uma das plantas mais importantes; o junco, empregado nos banhos do pajé antes de iniciar os rituais; e, a umburana-de-cheiro é combinada com alecrim-de-caboclo e fumo, e colocada em cachimbos para limpeza espiritual prévia aos trabalhos espirituais.

2.3.3.2 Pintura corporal

Conforme Timóteo e Vasconcelos (2024), o povo Pankararu, assim como outras comunidades indígenas da Região Nordeste, teve suas tradições modificadas pela influência da Igreja Católica. Uma das tradições principais dos Pankararu era a prática da pintura corporal. Apesar das mudanças impostas, alguns jovens da

comunidade estão resgatando as antigas técnicas de pintura. Como exemplo têm-se os dois círculos que simbolizam um escudo, representando a proteção da mente, os quais foram substituídos pela Igreja Católica por uma cruz, simbolizando Jesus e o perdão dos pecados. Hoje em dia, é possível observar entre os Pankararu a utilização de ambas as formas de pintura, sendo a cruz usada como pintura facial. No processo de preparação da pintura, é utilizado o toar – uma argila branca extraída dos territórios dos Pankararu.

2.3.3.3 Ritual

Segundo o ISA, os Pankararu estabelecem conexões com o mundo espiritual por meio de rituais, com destaque para a tradição religiosa dos Praiá – entidades espirituais protetoras da aldeia, que se vestem com saias e casacos feitos de croá (palmeira nativa do Brasil, encontrada de Pernambuco até o sul da Bahia), além de adornos de penas (obtidas de aves) sobre suas cabeças (Pankararu, [s. d.]).

Cada Praiá é supervisionado por um responsável conhecido como pai, que cuida e zela por eles. Cada entidade Praiá possui um dom específico e pode incorporar um indígena homem durante os rituais, permitindo que eles sintam a presença de espíritos. O pai do Praiá faz uso desse conhecimento para auxiliar os +membros da comunidade que buscam cura, orientados pelos espíritos encantados - “[...] índios vivos que se encantaram” (Pankararu, [s. d.]), voluntária ou involuntariamente; e, por isso, o culto a eles, como insistem os Pankararu, não pode ser confundido com o culto aos mortos. Para aquele povo, os encantados são vistos como portais que conectam o mundo físico ao mundo espiritual.

2.4 REGISTROS E DOCUMENTOS REFERENTES À ETNIA KARIRI XOCÓ

A aldeia Kariri-Xocó, à qual o pertenço, está localizada as margens do rio São Francisco, entre os municípios de Porto Real do Colégio e São Brás, Estado de Alagoas. De acordo com a FUNAI, aproximadamente 1.240 famílias vivem na comunidade (Conheça [...], 2023).

Os Kariri-Xocó são uma junção de dois povos que resistiram desde o século XVII durante os aldeamentos dos povos indígenas. Os Kariris habitavam uma rua conhecida como rua dos cabocos, atualmente rua São Vicente, no município de Porto Real do Colégio (Kariri-Xocó, [s. d.]). De acordo com Ferrari (1957), há indícios de que os Kariri dominaram grande parte da Região Nordeste antes de se estabelecerem em Porto Real do Colégio.

Os Xocós residiam na Ilha do São Pedro, no Estado de Sergipe, até que suas terras foram violentamente ocupadas pela família do coronel João Fernando de Brito em 1897. Segundo Dantas e Dallari, (1980), os autores nesse ano as terras dos Xócos foram ocupadas. Nesse contexto, os Xocós buscaram abrigo junto aos Kariri de Porto Real do Colégio, sendo acolhidos e unindo-se a eles em 1978 (Mata, 1989) – mesmo ano da retomada da Fazenda Modelo, atualmente conhecida como aldeia Kariri-Xocó, localizada aproximadamente um quilômetro da cidade de Porto Real do Colégio.

Segundo a FUNAI, atualmente, os Kariri-Xocó residem em uma área de 700 hectares, embora o processo de demarcação tenha iniciado em 2005, sendo finalmente homologado em 2023, pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, abrangendo aproximadamente 4,6 mil hectares (Conheça [...], 2023). Tal demarcação foi um marco importante, garantindo ao povo Kariri-Xocó viver em seu próprio território, onde podem praticar suas tradições e proteger o ritual sagrado conhecido como Ouricuri.

Antes da retomada, o território da Fazenda Modelo já era sagrado para os Kariri-Xocó há milhares de anos, onde já realizavam o ritual do Ouricuri. Os líderes principais da aldeia são o pajé e o cacique, sendo que o pajé conduz os rituais do Ouricuri e o cacique lidera a comunidade como um todo. Desde a infância (curumim), os Kariri-Xocó são ensinados a respeitar suas lideranças e os demais membros da comunidade.

Além disso, tem-se um chefe de posto encarregado de lidar com questões burocráticas da comunidade. Todas as lideranças trabalham em colaboração dentro das comunidades. Essas lideranças são transmitidas de pai para filho, começando desde a infância, quando as crianças são ensinadas e doutrinadas por seus antecessores.

Os Kariri-Xocó são um povo culturalmente rico, como todos os povos indígenas, destacando-se por seus rituais (por exemplo, o Ouricuri), sua língua Dzubukuá, além de cantos, danças, pinturas, artesanatos e cerâmicas próprias.

Ademais, todas as lideranças trabalham de modo conjunto nas comunidades. Hoje em dia, a comunidade tem uma escola, posto de saúde e uma creche – estruturas conquistadas com muita luta.

2.4.1 Saberes medicinais

A etnia Kariri-Xocó, à qual pertenço, possui um vasto conhecimento sobre uma ampla variedade de plantas, algumas das quais são exclusivamente utilizadas e manipuladas pelo meu povo, que guarda esses segredos com zelo. Dentro desse conhecimento estão incluídas plantas medicinais, rezas e cantos, que podem ser compartilhados tanto por indígenas quanto por não-indígenas. No entanto, existem outras plantas de uso particular dos Kariri-Xocó e, por isso, são mantidas em sigilo, encontradas apenas na mata do Ouricuri. Entre essas plantas têm-se aquelas conhecidas e utilizadas para casos simples e outras específicas para enfermidades mais graves, que são restritas ao uso exclusivo de curandeiros e rezadores. Tal conhecimento é transmitido de geração em geração há milhares de anos e considerado um presente concedido por Uanagidzé (Pai Eterno).

2.4.2 Pintura corporal

A pintura do povo Kariri-Xocó se dá fazendo uso de jenipapo e toá. O jenipapo é uma fruta típica do Nordeste e, o toá, é uma argila da região. Para preparar a pintura, o fruto do jenipapo é retirado ainda verde e ralado em um ralo de zinco. Em seguida, tem-se a adição de água, mel e carvão, para a tinta ficar mais concentrada. A pintura de jenipapo pode durar até 15 dias na pele. Já o toá é diluído com água, ficando no formato de uma pasta; o toá deve sair da pele no mesmo dia diferente do jenipapo.

A pintura, para os Kariri-Xocó, é entendida como um escudo, utilizada para guerrear e apresentar o Toré. A pintura das mulheres é diferente da pintura dos homens, pois, nas mulheres, faz-se uso de um formato de círculo, com a jenipapo e, no meio, o toá; já os homens, a pintura encontra-se nos braços, nas penas e no peito, sempre o preto por dentro e o branco por fora. A pintura branca do toá representa os Xocós. Já a pintura preta do jenipapo, representa os Kariris e, assim, tem-se a junção formando somente uma pintura, de um só povo: o Kariri-Xocó. O Toré é entoadado pelos homens e respondido pelas mulheres muitas vezes, serve como meio de sustento,

quando os Kariri-Xocó viajam para outros estados para levar sua cultura ao mundo e garantir o sustento de suas famílias.

Figura 1 – Tinta de jenipapo em preparo



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2 – Toar



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 – Pintura masculina Kariri-Xocó



Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 – Pintura feminina Kariri-Xocó



Fonte: Elaboração própria.

2.4.3 Ritual

O Ouricuri está localizado a 6 quilômetros da cidade de Porto Real do Colégio, ocupando uma área de 56 hectares (Mata, 1989). Este é um ritual sagrado mantido em segredo há centenas de anos, acessível apenas a alguns povos, incluso, os Karapotó Plak-ô, Aconas, Tingui-Botó, de Alagoas, e o Fulni-ô, de Pernambuco.

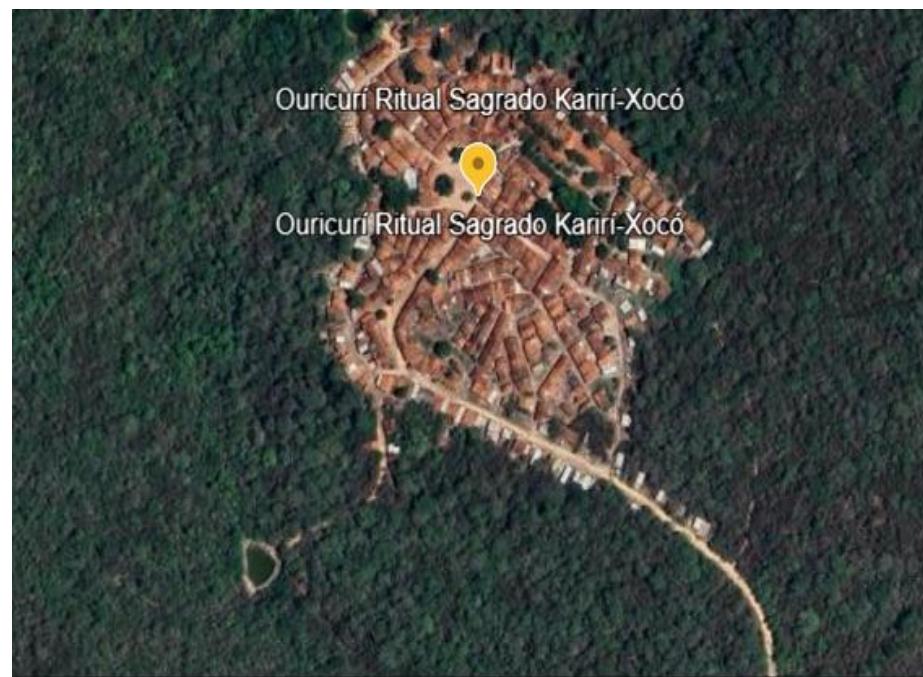
Além disso, os Kariri-Xocó carregam e protegem o sagrado Ouricuri há séculos. É o local mais importante depois do Uanagidzé (Pai Eterno). O ritual se dá a cada 15 dias, em uma mata fechada, onde se reuni como um só coração. É nesse espaço que se recorda a identidade própria, validando o fortalecimento do povo. É nessa mata que o referido povo passa grande parte da vida. O período mais significativo são os 15 dias que ocorrem anualmente no mês de janeiro, quando se tem a preparação para a grande festa (Mata, 1989). As festividades duram 15 dias e se dão uma vez ao ano, entre os últimos dias de janeiro e os primeiros dias de fevereiro, onde uma semana fica a cargo dos Kariri e outra de responsabilidade dos Xocó.

Durante os preparativos do ritual, homens e mulheres se abstêm de relacionamentos românticos e sexuais por três dias antes de ingressar no local sagrado. No local sagrado, homens e mulheres permanecem separados, sendo que os homens somente transitam entre as mulheres durante o dia. As mulheres não entram no “limpo”, onde boa parte dos segredos do Ouricuri são guardados e não podem ser compartilhados com elas.

Para o povo Kariri-Xocó, não basta apenas nascer Kariri-Xocó; é necessário frequentar o sagrado e conhecer a ciência que lhe é própria. Por isso, aqueles que não conhecem a ciência são chamados de “cabeça seca” (não indígenas).

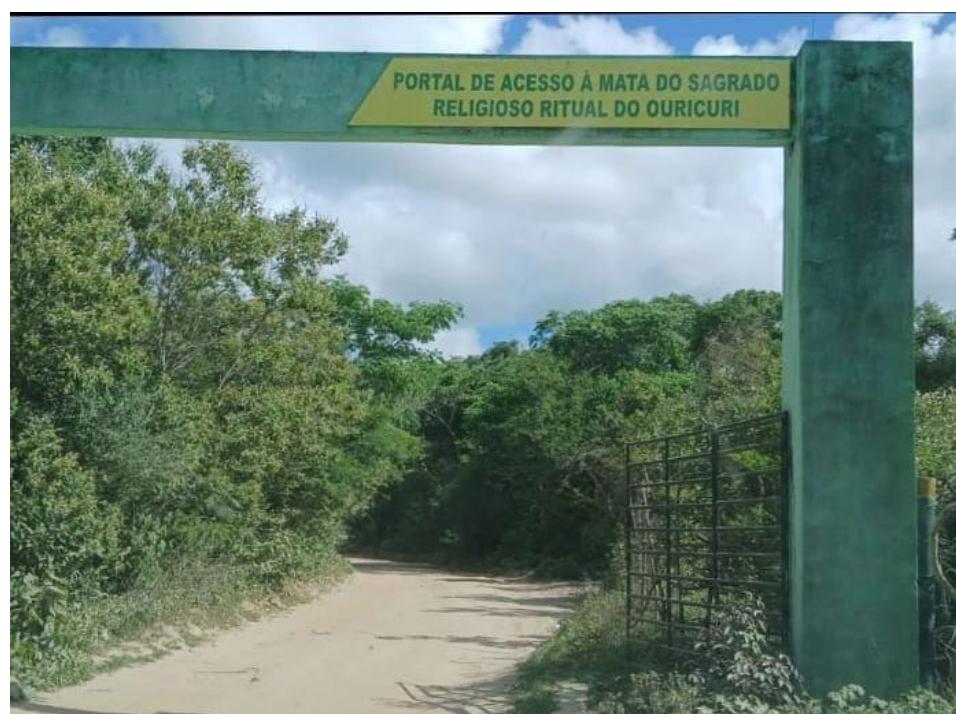
Se um Kariri-Xocó constituir uma família com uma “cabeça seca”, somente seus filhos(as) Kariri-Xocó terão permissão para participar do ritual. Essas crianças devem ter seu primeiro contato até os cinco anos de idade. Do contrário, perderão o direito de frequentar o ritual. Tal procedimento visa proteger e preservar os segredos concernentes, assegurando a continuidade da missão confiada.

Figura 5 – Ouricuri sagrado do Povo Kariri-Xocó



Fonte: Google Earth® (2024).

Figura 6 – Portal do ritual sagrado



Fonte: Elaboração própria.

2.4.4 Resgate da língua

O povo Kariri-Xocó tem como línguas originárias o Dzubukuá e o Kipeá, pertencentes ao tronco linguístico Macro Jê. Segundo Kariri-Xocó *et al.* (2020), a língua materna do povo Kariri-Xocó foi silenciada pelos missionários e jesuítas na tentativa de afastá-los de sua cultura, durante o período da colonização, resultando na extinção da língua por muitos anos. Nas palavras do guardião do povo, Nhenety:

Nós tínhamos a nossa própria religião, a nossa própria cultura, a nossa língua. E quando os jesuítas chegaram, os capuchinhos, eles introduziram outra religião, outra língua. Desestruturou a nossa organização social [...], a aldeia era redonda, em círculo [e atualmente] é linear, de ruas. [Além disso], a gente no passado morava em casas coletivas, malocas grandes, [sendo que os jesuítas ao chegarem em Porto Real do Colégio ordenaram] cada casal uma casa. Então foi mudando tudo (Kariri-Xocó *et al.*, 2020, p. 31).

Somente em 1995, após muitos ensinamentos transmitidos pelo Ancião, bem como outros estudos, um indígena da comunidade chamado Nhenety (Guardião da Tradição) iniciou o resgate da língua. Em 2018, um casal indígena, Idiane Cruz da Silva e seu marido Kawrã Florêncio, juntamente com Nhenety, fundaram a escola Subatekié Nhunú Kariri-Xocó, que atende jovens e crianças da comunidade, onde aprendem a língua de forma pedagógica, fazendo uso de rodas de conversas, vídeos etc. Além da escola, o conteúdo é repassado para a comunidade via *Facebook* e em um grupo de *WhatsApp* identificado como OKAX, onde são divulgados os vídeos de toré (cantos) na língua materna e dicionários com frases, reforçando cada vez mais a aprendizagem. Conforme Kariri-Xocó *et al.* (2020), o léxico contém cerca de 2300 palavras publicadas, além de 500 palavras de uso exclusivo da comunidade, utilizadas no ritual sagrado Ouricuri. Na escola atual como docentes professores indígenas.

Mexer com nossa língua é afirmar nossa identidade, e colocar em perspectiva nossa história, e reapropriar-se de nosso jeito de ser. Nossa língua nos traz autonomia, liberdade, potência, orgulho, pertinência, identificação, nos ancora em nosso povo, nos reafirma com nossa cultura (Kariri-Xocó *et al.*, 2020, p. 12).

Para os Kariri-Xocó, o resgate da língua é fundamental não apenas para fortalecer a cultura própria, mas também para preservar o segredo do ritual sagrado Ouricuri. Com a língua revitalizada, a comunicação se torna mais reservada, permitindo discutir assuntos rituais sem que os não indígenas (cabeças secas) compreendam plenamente.

2.4.5 Canto e dança

O povo Kariri-Xocó possui dois tipos de cantos, quais sejam: 1) Toré; e, 2) Rojão (cantos sagrados). Ambos são entoados em diferentes ocasiões, sendo o Toré dançado e cantado ao som de maracás, assobios e ao ritmo dos passos dos pés. É entoados tanto em português quanto na língua dos Kariri-Xocó nos momentos bons e ruins da comunidade (Suzart, 2019).

O termo na língua xocó (com raiz Tupi): “TO”, quer dizer “SOM” e “RÉ”, significa “SAGRADO”, então significa: “Som Sagrado”; no dialeto Kipeá (um dos quatro que compõem a língua kariri-xocó) a tradução quer dizer, “Sussurro silencioso”. A forma do povo Kariri, considerado um povo calado, pelos portugueses e outras etnias, vem fazer jus a este termo (Suzart. 2019, p. 50).

O Toré é entoados pelos homens e respondido pelas mulheres. Além disso, muitas vezes, serve como meio de sustento, quando os Kariri-Xocó viajam para outros Estados para levar sua cultura ao mundo e garantir o sustento de suas famílias. Existem Torés para diversas ocasiões, como, por exemplo, um específico para luto (quando do falecimento de alguém da comunidade). Conforme elencados pelo guardião Nhenety na pesquisa de Suzart (2019), vale destacar dois cantos narrados e seus significados: 1) Toré no pé cruzeiro Jurema, entoados quando um jesuítas zombou da crença na bebida sagrada chamada jurema, tentando substituir o símbolo da árvore da jurema pelo símbolo cristão da cruz; e, 2) Nhinho nu Wonhé (índio quer cantar), criado em momentos de conflito quando as vozes dos Kariri-Xocó, muitas vezes, eram silenciadas. Abaixo vídeo referente ao Toré.

Figura 7 – Toré - Kariri-Xocó



Fonte:Instagram@instituto_kariri_xoco,2025

O Rojão é um conjunto de perguntas e respostas cantadas, onde são utilizadas apenas as vozes dos participantes, ao contrário do Toré, que envolve canto e dança. Os Kariri-Xocó entoam o Rojão durante mutirões nas plantações, colheitas de roças, pesca e na construção de suas casas. Tanto homens quanto mulheres podem liderar o Rojão. A seguir, têm-se alguns exemplos de Rojões segundo minha etnia:

O MEU PASSARINHO VERDE
 O meu passarinho verde
 Onde é que você mora?
 Eu vou beber
 Na flor da jurubeba.

OLHA A ONÇA
 Aia olhe a onça
 Na ponta da areia
 A onça de pega
 Te arranca as orelhas.

Foi a barra das lagoas,
 Pelegueei e não puder entra ieô
 Minha gente me ajude
 E não me deixe morrer só ieô
 Só basta me ajudar
 Com a lua ajuda o sol ieô.
 Eu assubir de serra a cima eiô
 Com dois coriscos na mão eiô
 Esse ano eu vou a festa eiô
 Com uma roupa de algodão ieô.

Os cantos e as danças do povo Kariri-Xocó estão profundamente enraizados em práticas ancestrais que conectam essa comunidade às tradições e história. Os cantos representam uma maneira vital de preservar e transmitir a identidade cultural do povo, reforçando suas raízes e fortalecendo o sentimento de pertencimentos cultural e espiritual. Abaixo o canto ao rojão.

Figura: 8 – Rojão – Título - Fui a barra da lagoa



Fonte: Fulkaxó; IDAYRÃ RODRIGO, KARIRI-XOCÓ, grupo (2023).

2.4.5 Louceira

As louças de barro foram, por muitos anos, o meio de sustento do povo Kariri-Xocó. Feitas pelas mulheres da comunidade, são produzidas em um processo colaborativo, onde os homens contribuem apenas na etapa da queima no forno. Todas as mulheres que produzem essas louças são chamadas de louceiras. Entre as peças feitas, têm-se potes, panelas, tachos, cuscuzeiras etc.

Tais práticas são passadas de mãe para filha. Desde muito pequena, ouvi minha avó dizer que criou seus filhos no barro. Como muitas mulheres Kariri-Xocó, ela se levantava cedo para buscar o barro. As louceiras utilizam dois tipos de barro, a saber: 1) Verde, utilizado para a produção dos potes; e, 2) Vermelho, utilizado para a produção de panelas, tachos e cuscuzeiras. Assim, minha avó nos ensinou a identificar cada tipo de barro.

De modo particular, saliento que a ida aos barreiros se dava pela manhã ou à tarde. Sempre que iam, levavam lenços, bacias, balaios e uma enxada de cabo curto, que facilitava a escavação. Era necessário cavar bem fundo para obter um barro de

boa qualidade. As mulheres carregavam o máximo que conseguiam, apoiando o peso com um pano na cabeça.

Ao chegar em casa, quebravam todo o barro, molhavam com água e cobriam com plástico, para que amolecesse, até atingir a consistência ideal para amassar. Depois de bem amassado, minha avó reunia todas as filhas para a fabricação das louças. A produção era um trabalho de formiguinha, em que cada etapa – da coleta do barro até a ida ao forno – seguia um ritmo específico: molhar o barro, traçar, colocar no sol, tirar, e assim por diante.

Minha avó fazia potes e panelas grandes, enquanto ensinava a moldar as panelinhas e os potinhos pequenos. Era muito divertido. Eu ficava ansiosa para que as peças ficassem prontas, para poder brincar com elas. Além de brincar, eu fazia uso dos potes para carregar água durante o período do Ouricuri.

Depois que as louças estavam prontas, eram levadas para o comércio. As louceiras se organizavam em grupos para solicitar o transporte da prefeitura, saindo juntas para vender suas louças nas cidades vizinhas e áreas rurais. Esse período de vendas coincidia com a grande festa, quando passávamos 15 dias no Ouricuri. Os mais velhos diziam que era a época de arrumar uma "caranha" (alimentos) para levar ao Ouricuri. Assim, as louças eram trocadas por alimentos (galinhas, farinha e feijão – o que estivesse disponível). Quem terminava primeiro, ajudava as outras, e era dessa forma que garantiam o sustento de suas famílias.

Figura 9 – Louças em processo de preparação



Fonte: Elaboração própria.

Figura 10– Louças em processo de secagem



Fonte: Elaboração própria.

Figura 11- Forno



Fonte: Elaboração própria.

Figura 12 – Processo de retirada do forno



Fonte: Elaboração própria.

Figura 13 – Louças finalizadas



Fonte: Elaboração própria.

2.5 AUTOBIOGRAFIA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE UMA MULHER KARIRI-XOCÓ

Meu nome é Jaíne Suira Geri, sou filha de Rita de Cássia Santos Suira e Jailton Geri – minhas bases –, nascida e criada no território Kariri-Xocó, povo do qual tenho muito orgulho. Cresci rodeada pela sabedoria de meus avós, Maria José Santos Suira, Cícero Miguel Santos Suira e Jacira Alcântara, que, junto aos meus pais, me educaram dentro da referida cultura indígena. Sou casada com um não indígena, com quem tenho dois filhos: Alana Rita Suira Santos e Iveson Vínicos Suira Santos.

O início do meu casamento foi desafiador, sobretudo, pela dificuldade em meus pais aceitarem um esposo não indígena; e, sim, tentei me relacionar com um indígena, mas o destino trouxe meu esposo não indígena. No entanto, ele sempre respeitou minha cultura e me apoiou, sem questioná-la.

Minha infância foi marcada por momentos simples e alegres, como, por exemplo, as manhãs na casa da minha avó materna, onde íamos pescar camarão nas águas mornas dos rios da nossa terra. Na casa da minha avó paterna, adorava

participar da preparação das louças. Também recordo das roças, onde, enquanto meus pais trabalhavam, minha irmã e eu ficávamos dentro de um buraco que minha mãe cavava para poder trabalhar; ali brincávamos com bonecas feitas de milho e nos protegíamos da chuva com plásticos ou folhas. Além da roça, pescava com meus tios, pais e parentes nas lagoas e nos rios, sempre acompanhado de muitos cantos do meu povo e sempre em grupos, pois era muito divertido quando alguém pescava um peixe – os homens com cuvu e jerere (objeto feito a mão, com madeira extraída da mata, utilizado na pesca) e as mulheres e crianças com o jerere.

As brincadeiras variavam entre a aldeia e o Ouricuri. Ali, além de outras diversões, adorávamos preparar doces, como, por exemplo, o "puxa-puxa", e nos divertir com plantas comestíveis da mata. Com o tempo, a escola se tornou uma parte importante da minha vida. Estudei até o quinto ano na Escola Estadual Pajé Francisco Queiroz Suira, na aldeia. Quando fui para a cidade continuar meus estudos, enfrentei alguns desafios, tais como: falta de transporte; distância; racismo; e, dificuldade de conciliar minha cultura com o sistema de ensino. Mesmo assim, nunca desisti. Durante esse período, engravidei da minha filha Alana e contei com o apoio de minha mãe para concluir o Ensino Médio.

Em 2012, formei-me no Ensino Médio na Escola Estadual Joana de Freitas Barbosa, no Magistério de Educação Básica; mas não me senti realizada. Trabalhei em diversas áreas (artesã, cabeleireira, manicure e revenda de cosméticos), mas sempre sentia um vazio. Em 2016, tive meu segundo filho, Ivenson, e continuei em busca de meu propósito. Em 2019, tentei vestibular para o curso de Nutrição, mas não passei. Com o tempo, percebi que aquele não era o momento certo.

Em 2020, fui aprovada no vestibular específico para indígenas na Universidade de Brasília (UnB), para o curso de Educação Física, mas somente comecei a estudar em fevereiro de 2021, devido à pandemia do novo Coronavírus. As aulas eram virtuais e, apesar das dificuldades com a *internet* e a adaptação ao formato remoto, continuei dedicada. No início, enfrentei desafios de integração com os colegas, mas sempre evidenciei minha identidade indígena e busquei fazer os trabalhos antecipadamente, a fim de não perder os rituais do Ouricuri.

A partir do segundo semestre daquele ano, passei a estudar presencialmente em Brasília – o que trouxe novos desafios (adaptação à cidade, aluguel de imóvel e transporte). Contudo, fui acompanhada pela minha amiga irmã de coração, Dine Layne, que cursa Enfermagem na mesma Instituição, onde, juntas, nos apoiávamos

para nos adaptar. Por conseguinte, decidi trazer minha família para morar comigo, onde Dine me apoiou, ao passo que enfrentei muitas inseguranças e questionamentos, tais como: “O que estou fazendo aqui? Aqui não é meu lugar! Por que eu trouxe meus filhos para esse lugar?” Além disso, meus filhos me questionavam manifestando o desejo de irem embora e que não gostavam daqui. Eu respirava, mesmo sem saber as respostas de tais questionamentos, explicando aos meus filhos que precisávamos passar pelas dificuldades para colher as vitórias juntos. Todos os anos, uma vez por ano, meus filhos, minha amiga e eu, nos organizávamos para voltar à minha comunidade de origem e participar do ritual. A cada ida e volta era um choro após o outro. Passávamos o ano todo esperando o tão sonhado mês de janeiro, para poder partir para a comunidade. Somente assim, voltávamos fortes para continuar nossa caminhada.

Ao longo de minha trajetória acadêmica, enfrentei vários desafios, sendo um dos principais a dificuldade de interagir com a turma. Como meu ingresso na graduação se deu durante o período pandêmico supracitado, senti-me, em diversos momentos, diferente dos demais colegas — seja na forma de compreender a teologia, no modo de me comunicar, no meu sotaque ou em outros aspectos culturais.

A sensação que me acompanhava era a de estar em um universo distinto. Tudo me parecia assustador e desconhecido. Enquanto muitos colegas demonstravam tranquilidade, para mim, o processo de adaptação não foi fácil. Sentia-me deslocada, como se tudo à minha volta fosse estranho.

Entretanto, com o passar do tempo, percebi que tinha muito a contribuir. Compreendi que meus colegas não eram mais ou menos capazes do que eu e que a vivência acadêmica consistia, essencialmente, em uma troca de saberes. A partir dessa compreensão, consegui vencer a timidez e encarar os desafios com mais segurança e determinação.

Sempre me esforcei para cumprir todas as atividades que me foram atribuídas, fazendo questão de levar um pouco da minha cultura para o ambiente acadêmico. Tal atitude me fortaleceu e me proporcionou maior confiança para realizar as tarefas propostas ao longo do curso.

Hoje, meu objetivo é concluir minha graduação e aplicar todo o conhecimento adquirido em minha comunidade, desenvolvendo uma didática voltada para os povos indígenas. Também almejo me tornar pesquisadora, contribuindo para o fortalecimento da cultura e identidade dos Kariri-Xocó.

3 METODOLOGIA

O presente estudo consistiu em uma revisão da literatura, por meio de pesquisa, artigos e documentos, com base em uma análise crítica e interpretativa, além de observações e registros por meio de um diário de campo e de imagens ambientais e do acervo étnico; e ainda, procederam-se as abordagens qualitativa e interpretativa (Bauer; Gaskell, 2008; Denzin; Lincoln, 2006).

As pesquisas autobiográficas, segundo Abrahão (2024), estão relacionadas à história e à identidade do pesquisador, que revela para os outros sua história de trajetória de vida.

Para a presente pesquisa foram utilizadas as seguintes palavras-chave: etnia Kariri-Xocó; cultura indígena; plantas medicinais; e, rituais sagrados. Por conseguinte, empreendeu-se uma busca *online*, fazendo uso do Google Acadêmico e de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Assim, com base na leitura dos resumos pesquisados, foram selecionados artigos e documentos mais relevantes para a empreitada. Também foi produzido um trabalho autobiográfico relacionado à minha história de vida, como uma mulher do povo da etnia Kariri-Xocó.

4 DISCUSSÃO

No decorrer da pesquisa, foi possível perceber que, há séculos, os povos indígenas vêm sofrendo vários atentados e perseguições ao tentar proteger seus territórios sagrados. Assim como os demais povos indígenas, o povo Kariri-xocó vem enfrentando vários desafios, com destaque para a preservação de seu ritual sagrado: o Ouricuri.

Há muitos anos, os Kariri-Xocó vêm lutando pelo processo de demarcação de suas terras, no momento, em tramitação (Kariri-Xocó, [s. d.]).

De acordo com Grunewald (2003), a demarcação de terras é uns dos maiores problemas enfrentados pelos povos indígenas da Região Nordeste; mas somente a demarcação não garante a posse total da terra para os povos indígenas. Segundo a APIB ([2023]), o Projeto de Lei (PL) nº 490, 2007, que atualmente tramita no Senado Federal (SF) como PL nº 2903, de 2023, representa mais uma ameaça às terras dos povos indígenas, pois, se tal PL for aprovado, mesmo que as terras estejam demarcadas, qualquer pessoa poderá ter acesso a esses territórios, abrindo caminho para grilagem das terras. Mesmo o Supremo Tribunal Federal (STF) manifestando a inconstitucionalidade de tal ditame, o PL ainda tramita na Câmara dos Deputados (CD): “Por esse motivo, não basta sabermos que a Lei 14.701 é inconstitucional, e não basta que o STF já tenha julgado que o marco temporal é inconstitucional: é preciso, agora, que a Corte declare que a Lei, em si, é inconstitucional” (Marco [...], 2024).

Conforme a APIB (2024), estas terras são marcadas por violações, pelo racismo genocídio, configurando séculos de tentativas de subjugação de povos, de culturas e de territórios.

Outro desafio enfrentado pelos os Kariri-Xocó e os demais povos da Região Nordeste são os estereótipos. Para muitos cabeças-secas (não indígena), o indígena tem que parecer indígena, ou seja, ter cabelo liso e olho puxados, pois, aqueles que não atendem e não se enquadram no padrão criado pelos colonizadores tem sua identidade questionada a todo momento (Venancio, 2018). Como aponta Mata (1989, p.42), “[...] o berço do índio genético”. Tem-se aí um dos maiores desafios enfrentados não somente pelos Kariri-Xocó, mas também por todos povos indígenas daquela Região do Brasil.

Em geral, os povos indígenas sofrem vários preceitos impostos pela sociedade, a começar pelas escolas, onde se tem o ensino, desde cedo, de uma figura dos povos indígenas.

Segundo Collet, Paladino e Russo (2014), desde a infância, nas escolas, a sociedade define o padrão dos indígenas como alguém que vive nas florestas, sem veste e ensoados, ao passo que aqueles que não atendem à percepção sobre o padrão é considerado indígena genérico, preguiçoso etc., desrespeitando a diversidade dos originários – respingo da colonização, sendo necessário descolonizar. “As iniciativas governamentais para a formação continuada de professores nas temáticas relativas às culturas afro-brasileiras e indígenas ainda são insuficientes” (Collet; Paladino; Russo, 2014, p. 7). Esse tipo de ação somente romantiza ainda mais a imagem do indígena genético, aumentando o preconceito.

Outro preconceito comum enfrentado pelos indígenas não somente nas escolas, mas também nas universidades e na sociedade em geral, é a questão dos termos “índio” e “tribo”. Sabe-se que tais termos foram utilizados pelos colonizadores quando chegaram ao Brasil, achando que tinham chegado à Índia. Os termos certo são “indígena”, e não índio; “povo” ou “etnia indígena”, e não tribo (Collet; Paladino; Russo, 2014). Para tentar amenizar tais preconceitos, faz-se importante mais investimentos em cursos, palestras, projetos e campanhas para os professores de bases e para a edição de livros para a sociedade como toda.

5 CONCLUSÃO

Os povos indígenas brasileiros necessitam de uma autoafirmação frente às entidades políticas e sociais por diversas razões, que envolvem a preservação de sua cultura, identidade e saberes – o que inclui a luta pela demarcação de terras e a preservação culturas e seus modos vidas, seu reconhecimento e seus territórios, correndo os riscos de ameaças por interesses externos.

As histórias contadas e nascidas do Povo Kariri-Xocó carregam muita resistência e segredos, que são marcadas pela colonização e luta pela terra, com histórias passadas de geração em geração, reforçando a importância da luta por direitos e reconhecimento.

Como mulher Kariri-Xocó, são muitas histórias e experiências únicas que estão profundamente ligadas à minha identidade cultural e às tradições de meu povo e ao contexto social em que eu vivo como mulher indígena, ensinadas por minha mãe, minhas avós e minhas tias, sobre as tradições e práticas culturais. Tais histórias de aprendizagem e transmissão de conhecimento são essenciais para a continuidade da preservação cultural Kariri-Xocó.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (auto)biográfica no Brasil: da aventura à insubordinação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, 2024, v. 9, n. 24, p. 1-12, 2024. DOI: <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2024.v9.n24.e1153>. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/20502/13748>. Acesso em: 16 abr. 2025.

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (APIB). [S. I.], 2024. Disponível em: <https://apiboficial.org/>. Acesso em: 2 jul. 2024.

ARTICULAÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL (APIB). **Não ao marco temporal!**: cartilha sobre o julgamento decisivo para o futuro dos povos indígenas do Brasil e o enfrentamento da crise climática. [S. I.]: [s. n.], [2023]. Disponível em: https://apiboficial.org/files/2023/09/marcotemporal_cartilha_v10_tela.pdf. Acesso em: 16 abr. 2025.

AZEVEDO, Dagoberto Lima. **Pátu: ye'pamasa ná oãh'Puri**: Pátu: pó da memória e do conhecimento Tukano. Orientador: Gilton Mendes dos Santos. 2022. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2022.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. Título original: Qualitative Researching with Text, Image and Sound: a Practical Handbook. ISBN 9788532627278.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 maio 2024.

COELHO-FERREIRA, Marília; LÓPEZ-GARCÉS, Cláudia (Orgs.). **Mebêngôkre nhô pidj'y**: remédios tradicionais Mebêngôkre-Kayapó: pesquisas colaborativas sobre plantas medicinais nas aldeias Las Casas (TI Las Casas) e Moikarakô (TI Kayapó) – PA. Belém: MPEG, 2020. 122 p. ISBN 9786588888001.

COLLET, Célia; PALADINO, Mariana; RUSSO, Kelly. **Quebrando preconceitos**: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014. 110 p. (Coleção Traçados, n. 3). ISBN 9788577401529.

CONHEÇA detalhes das terras indígenas homologadas nesta sexta pelo presidente Lula: assinatura dos decretos ocorreu no encerramento do Acampamento Terra Livre (ATL), principal encontro de indígenas do Brasil. **Brasil**, Presidência da República, Brasília, 28 abr. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2023/04/conheca-detalhes-das-terras-indigenas-homologadas-nesta-sexta-pelo-presidente-lula>. Acesso em: 31 maio 2024.

DANTAS, Beatriz Góis; DALLARI, Dalmo de Abreu. **Terra dos índios Xocó**. São Paulo: Comissão Pró-Índio, 1980.

DANTAS, João Maurício. **O que é indígena**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

DARLO, Fabio Rossano. Uso de plantas da Caatinga pelo povo indígena Pankararu no Estado de Pernambuco, Brasil. **Geotemas**, Pau dos Ferros, RS, v. 8, n. 1, p. 60-76, jan./jun. 2018. ISSN: 2236-255X. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/GEOTemas/article/view/863/773>. Acesso em: 27 maio 2024.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Tradução: Sandra Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006. 432 p.

FERRARI, Alfonso Trujillo. Os Kariri: o crepúsculo de um povo sem história. **Sociologia**, São Paulo, n. 3, 1957. Disponível em: https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aferrari-1957-kariri/Ferrari_1957_OsKariri.pdf. Acesso em: 27 maio 2024.

FULKAXÓ; IDAYRÃ RODRIGO; **KARIRI-XOCÓ**, grupo. Cuibá da Lagoa [vídeo]. YouTube, 5 jan.2023 Disponível em:
em:<https://www.youtube.com/watch?v=KII8CjGS2EQ>. Acesso em: 4 set. 2025

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução: Sergio Faraco. São Paulo: L&PM, 2010. 392 p. ISBN 9788525420695.

GIANNINI, Isabelle Vidal. Análise de uma situação de intervenção social. **Revista Poemotropic**: Pobreza e Meio Ambiente no Trópico Úmido, [s. l.], n. 2, p. 44-49, jul./dez. 1998. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/poemotropic-n2/124297610>. Acesso em: 27 maio 2024.

GOOGLE EARTH. **Ouricuri sagrado Kariri-Xocó, São Brás-AL**. [s. l.], 2024. Disponível em: <https://earth.google.com/web/>. Acesso em: 27 maio 2024.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azevedo. Etnodesenvolvimento indígena no Nordeste (e Leste): aspectos gerais e específicos. **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, [s. l.], a. 7, v. 14, p. 47-71, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaanthropologicas/article/view/23598/19253>. Acesso em: 27 maio 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022**: indígena – primeiro resultado do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. 193 p. (Coleção Ibgeana).

INSTITUTO INDÍGENA ALÉM DO TEMPO KARIRI XOCÓ. *Toré: expressão espiritual e identidade do povo Kariri-Xocó*. Instagram, 27 jun. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DloYF6ZJSOE/>. Acesso em: 1 jul. 2025.

KARIRI-Xocó. **ISA**, Povos Indígenas no Brasil, [s. I.], [s. d.]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kariri-Xok%C3%B3>. Acesso em: 26 nov. 2023.

KARIRI-XOCÓ, Idiane; KARIRI-XOCÓ, Nhenety; NELSON, Diane; PITMAN, Thea. A retomada da língua Kariri-Xocó. **Cadernos de Linguística**, [s. I.], v. 1, n. 3, p. 1-13, 2020. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2020.V1.N3.ID254>. ISSN 2675-4916. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/254/243>. Acesso em: 18 jun. 2024.

KRENAK, Ailton. **Discurso na Assembleia Nacional Constituinte**. Brasília, 04 set. 1987. Transcrição disponível em: https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/rea/introducao-sus/assets/docs/vd6_transcription.pdf. Acesso em: 20 nov. 2025.

LÍNGUAS. **ISA**, Povos Indígenas no Brasil, [s. I.], [s. d.]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/L%C3%ADnguas>. Acesso em: 16 jun. 2024.

MARCO temporal, ainda? Por que a tese segue ameaçando os povos? **CIMI**, [s. I.], 15 abr. 2024. Disponível em: <https://cimi.org.br/2024/04/marco-temporal-ainda/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MATA, Vera Lúcia Calheiros. O ritual do Ouricuri: identidade, tradição e segredo. In: MATA, Vera Lúcia Calheiros. **Sementes da terra**: identidade e conquista territorial por um grupo indígena integrado. Rio de Janeiro: Uirapuru, 1989. p. 42.

PANKARARU. **ISA**, Povos Indígenas no Brasil, [s. I.], [s. d.]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Pankaru>. Acesso em: 27 maio 2024.

REICHEL-DOLMTOFF, G. O contexto cultural de um alucinógeno aborígene: Banisteriopsis Caapi. In: COELHO, Vera Penteado (Org.). **Os alucinógenos e o mundo simbólico**: o uso dos alucinógenos entre os índios da América do Sul. São Paulo: EPU; Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 59-104.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ROTERMUND, Susanne. **O grafismo indígena, suas formas e cores**: relato de um trabalho pedagógico-terapêutico. Curitiba: Associação Ita Wegman, 2016.

SILVA, K. L. M. da. **Constituição e povos indígenas**: avanços e desafios. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SUZART, Elizabete Costa. Toré: um fenômeno da tradição do Povo Kariri-Xocó. **Grau Zero – Revista de Crítica Cultural**, [s. I.], v. 7, n. 2, p. 37-53, 2019. DOI: <https://doi.org/10.30620/gz.v7n2.p37>. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/9010/5974>. Acesso em: 2 jul. 2024.

TIMÓTEO, Andayra França; VASCONCELOS, Camila Brito de. Na superfície da pele, cultura brasileira: pinturas corporais indígenas das etnias pernambucanas. 910-932. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO*, 11; CONGRESSO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN, 11; 2023, São Paulo. *Anais* [...]. São Paulo: Blucher, v. 12, n. 1, p. 910-932, 2024. ISSN 2318-6968. DOI: https://doi.org/10.5151/cidiconcic2023-60_650230.

TUKANO. **ISA**, Povos Indígenas no Brasil, [s. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Tukano>. Acesso em: 16 jun. 2024.

VENANCIO, Manuela Machado Ribeiro. **Os Kariri-Xocó do Baixo São Francisco**: organização social, variações culturais e retomada das terras do território de ocupação tradicional. Orientadora: Eliane Cantarino O'Dwyer. 2018. 237 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2018.

ZINN, Howard. **A história do povo brasileiro**. Tradução: Maria do Carmo L. de Andrade. São Paulo: Brasiliense, 1980.